



## APRESENTAÇÃO

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.  
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento”  
*Clarice Lispector*

Está no ar o décimo quarto número da Revista de Comunicação Dialógica. Nesta edição, nos rendemos à literatura para homenagear Clarice Lispector, uma das nossas principais representantes. Ressaltamos a obra desta artista, acima de tudo, pelo seu caráter dialógico. Por meio da autorreflexão e da pesquisa sobre as linguagens artísticas, a autora coloca diversas vozes em diálogo, contribuindo para a compreensão de si mesma e, ao mesmo tempo, do outro. Em tempos de pós-verdade, inteligência artificial e exacerbação da violência em diversas instâncias, torna-se necessário afirmar o pensamento, o devaneio, a imaginação e o sonho inerentes às artes literárias e à obra de Clarice, as quais formam a base para diálogos tranquilos e fecundos. Viva Clarice e a literatura brasileira!

A motivação para essa homenagem parte de dois textos recebidos e publicados neste número relacionados à literatura. O primeiro deles é uma resenha recebida como trabalho final da disciplina “Comunicação & Arte”, da Faculdade de Comunicação Social da UERJ, no segundo semestre de 2024, e recomendada para publicação. Nesta, Maria Júlia N. O. Braga comenta o livro “Água Viva”, um dos mais importantes trabalhos de Clarice Lispector, à luz dos textos estudados no curso. Além das reflexões sobre o texto e a obra de Clarice, a autora associa-se com alguns pensadores clássicos que discutem, assim como Clarice, os significados e funções do fazer artístico.

Da literatura para a música, entre a prosa e o verso, das praias da Zona Sul do Rio de Janeiro às periferias mineiras, de Clarice à Djonga, Gabriela Sales nos traz uma resenha do álbum “O Menino que queria ser Deus” capaz de aguçar a curiosidade de quem ainda não conhece a obra do rapper mineiro. O texto revela a densidade das letras do artista, que discute temas como o racismo estrutural, a violência policial, a estigmatização das favelas e a paternidade em contextos de vulnerabilidade econômica. A autora mostra como as músicas de Djonga apresentam-se ao mesmo tempo como denúncia às situações de opressão vividas nas periferias e como sopro de esperança em vidas transformadas por meio do fazer artístico. De pontos de vista bastante distintos, Clarice e Djonga encontram-se na pesquisa das linguagens artísticas como propulsoras de novas subjetividades.

Do manifesto para o ritual, seguimos no campo da música na nossa terceira resenha, de Kaio dos Santos Machado, que nos traz uma sensível análise do clipe “Bailado de Cabocla”, produzido pela banda Suindara, composta por três mulheres. A combinação entre o texto do autor e as imagens e a música do clipe potencializa ambos os produtos culturais, que complementam-se com rara harmonia. Por meio da figura da cabocla, as obras promovem a

---

integração entre natureza e cultura. A cabocla, ao conhecer as plantas de cura, é também floresta. Reunidas, ao redor do fogo, quando juntam suas mãos em círculos e no coro do tambor, são também cultura. Muito obrigado Kaio e Suindaras! A RCD agradece e se orgulha com essa publicação.

E da música vamos para outra manifestação fundamental para a composição da identidade nacional: os campos de futebol. Em seu artigo, Beatriz Fernanda Fortunat compara representações de derrotas formuladas pela mídia entre dois rivais cariocas. Para tal, a autora analisa as manchetes publicadas por dois jornais de uma mesma empresa (Globo e Extra) acerca de derrotas sofridas em finais de campeonatos mundiais de clubes por Vasco e Flamengo. O principal mérito do texto é mostrar, com o apoio da escola francesa de análise de discurso, que o viés ideológico na produção de discursos pela mídia com a intenção de forjar representações que interessem o seu público e/ou os seus patrocinadores não ocorrem somente no campo da política stricto sensu, mas também em diversas outras esferas da vida social, inclusive no esporte, para o qual o senso comum tenderia a acreditar em coberturas isentas. Embora o corpus de análise seja reduzido, o que em parte compromete as conclusões alcançadas, o estudo indica caminhos a serem seguidos em pesquisas mais aprofundadas sobre representações midiáticas.

E como todo caminho tem um retorno, voltamos à literatura. E voltamos para falar do fim em vidas que se abrem, para falar de um tema extremamente delicado e, talvez, por isso, negligenciado: o luto infantil. Rebecca de Araújo Dias, Raquel Donegá de Oliveira e Mara Sizino da Victoria nos oferecem valiosos conhecimentos sobre como utilizar a literatura para acompanhar processos de luto infantil. Embora o objetivo principal da pesquisa seja identificar e propor um conjunto de títulos que possam ser trabalhados com as crianças, na parte inicial, ao apresentar uma síntese teórica sobre o tema, o artigo nos convida a refletir sobre o modo como as crianças podem lidar com a perda dos seus entes queridos. Se pensarmos que tais processos podem estar relacionados com diversos tipos de perda – tais como a de um animal doméstico ou uma mudança de cidade ou escola – percebemos que são extremamente corriqueiros e, nesse sentido, vale muito a leitura do artigo para ajudar os nossos pequenos a superá-las e seguir em frente sem grandes traumas. Vale também ressaltar o caráter dialógico da proposta, na medida que a leitura de livros para crianças constitui uma possibilidade ímpar de troca com as mesmas sobre o tema.

Encerrando este número, temos o artigo de Pedro Alexandre de Albuquerque, que analisa como a novela *Dancin' Days* contribuiu para a consolidação do consumismo no Brasil. Antes de demonstrar a sua hipótese de forma minuciosa, o texto apresenta a trajetória pessoal e profissional do autor da novela, evidenciando como os valores preconizados na trama estão presentes na vida de quem a concebeu; insere essa trama no contexto sócio-político do falso “milagre econômico” e da ditadura militar; e mostra como a Rede Globo, que produziu a novela, acompanha e constitui-se como fator fundamental no processo de formação de subjetividades materialistas e voltadas para o consumo como valor em si mesmo. O grande mérito do texto é justamente esse, demonstrar como a mídia opera e pode contribuir, de forma decisiva, para a formação e a transformação de subjetividades por meio dos seus produtos culturais.

E, por fim, apresentamos a nossa nova assistente editorial, Bárbara Bela, que inicia sua jornada na RCD com esta publicação. Seja bem vinda Bárbara! E tenham todos uma boa leitura!

*Marcelo Hernandez Macedo*